

lavras, e que elle podesse ajuizar tambem da franqueza que o meu rosto denunciasse.

—Barão, comecei eu, estou resolvido a deixar Madrid dentro em poucos dias.

—Pois ausenta-se já? Não era essa, se bem me recordo, a sua intenção.

—Talvez, mas agora resolvi partir. Não espero pelo casamento. Desejo ser estranho ao desfecho deste pequeno drama.

—E desde quando, se não é segredo, lhe vieram tão bons sentimentos?

—Desde que vi que o casamento era inevitavel.

—Pois crê que a senhorita de Relta mudou de resolução?

—Ainda não mudou, mas sei que mudará. O barão tambem o sabe. Seja sincero, e não me tome por inimigo.

—Inimigo, não. Alliado dos adversarios, sim.

—Pois nem isso. Hoje estou disposto a ser seu alliado, não para a guerra, mas para a paz.

—Querem talvez impingir-me a viuva de Landstein, como compensação da mão da herdeira de Relta, a que julgam que eu aspirava?

—Valha-o Deus, barão! Ninguem lhe quer impôr o sacrificio de casar com uma senhora nova, bonita, fidalga, rica e de procedimento irreprehensivel. O que eu desejo, é pol-o a salvo dos perigos em que me parece estar mettido.

—Perigos? Não sei quaes sejam. Eu não sou medroso. Por ahí não me levam.

—Mas ninguem o quer levar por medo, nem por qualquer outro meio de persuasão. Eu é que resolvi não o deixar ser victima destas intrigas do casamento de D. Julio, já que me coube figurar nelas.

—E com que direito se faz meu protector?

—Olhe, barão; por bem, respondo-lhe que não sou seu protector, mas que por esta vez me julgo obrigado a fazer-lhe o serviço de o livrar de conflictos e de vergonhas. Por mal, responder-lhe-hia que o faço porque quero, e que esta razão prende com a resolução de a sustentar com firmeza. Mas, barão, não tenha máo genio. Francamente, a luta é desigual. Ouça, e resolva.

—Pois diga. Eu ouço, respondeu o barão com zanga concentrada.

—A intriga do casamento de Relta estará desfeita dentro de vinte e quatro horas. D. Julio tem direito de pedir-lhe uma satisfação. A condessa de Relta tem um irmão ainda moço. A este assiste igual direito.

—São dous duellos, replicou o barão com a voz pouco firme. Então que tem?

—Supponhamos que é uma bagatella. E o descredito que dahi lhe resultará quando se souber a historia toda? Imagina poder viver em Madrid?

—E porque não? Elles viverão na sua casa, e eu

ra minha. Não lhes hei de mandar pedir para jantar!

—Bem. Supponhamos que a reputação moral é uma insignificancia para quem tem dinheiro, mas a sua vaidade não soffre, vendo-se excluido da boa sociedade de Madrid?

—Excluido da sociedade... eu? Não tenha receio disso. Destas historias ha aqui frequentemente, e ninguem passa por tal desgosto.

—Duvido, mas o barão é novo na classe, e pôde ser que o escolham para darem um exemplo. Reflecta. Veja que a sua posição é desvantajosa.

—E então que quer que eu faça.

—Eu lhe digo. Quero que refira a verdade á senhorita de Relta, e que desfaça o mal que causou. Diga que o cegou o amor ou desculpe-se de outra maneira. Assim, a reparação será espontanea e nobre.

O barão ficou pensativo; mas, agarrando-se á taboa de salvação que eu lhe estava estendendo, disse-me que esse fôra, na verdade, o incentivo principal de tudo quanto fizera, e que, sem o sentimento profundo que o dominava, nunca se teria metido em semelhante negocio.

—Pois bem, ajuntei eu, conserve ao menos boa reputação no conceito da pessoa que diz amar, e conte-lhe tudo. Este conselho é desinteressado. Bem sabe que, se lh'o não contar, outrem lh'o irá dizer.

—O que eu vejo é que ha algum ponto obscuro, para esclarecer o qual é necessario que eu falle. A senhorita, provavelmente, quer ouvir-me antes de resolver, e os interessados, depois de me terem feito a mais desatinada guerra, pretendem que eu lhes faça agora um serviço. Não estou disposto.

—Barão, não se illuda. Os interessados não sabem que eu lhe fallo nisto. Emfim, eu dou-lhe este conselho, e desejava que o aceitasse e fosse já cumpril-o. Se não quer, lavo as mãos desse negocio, e não lhe fallarei mais em tal.

Dizendo isto, preparei-me para me separar do barão. Vi que esta resolução o contrariava, e que não ousava deixar-me partir, nem annuir ás minhas suggestões. Ponderei-lhe então de novo a negrura do seu proceder, a desculpa que podia ter, e a vantagem de a aproveitar; e conclui dizendo-lhe que o melhor modo de hobrear com os grandes de Hespanha não era imitar-lhes as vaidades, os erros, e os vicios, mas supprir a falta dos avós com a superabundancia de boas qualidades.

O animo do barão estava offuscado da viciosa vergonha que tantas más acções produz neste mundo. Não se pejava do que fizera. Envergonhava-se de o confessar e, para sustentar este falso pudor era capaz de praticar infamias ainda maiores do que as antecedentes.

Os espiritos elevados e nobres pódem succumbir ás vezes á paixão e ao pezo da fragilidade humana,

mas levantam-se, confessam o erro, purificam-se nas chammas do arrependimento, e sahem dellas puros como a téla do amianto. Os homens de entendimento acanhado e de coração vulgar, uma vez cahidos no lodaçal das más paixões, cada vez se enterram mais, e não ha mão vigorosa que os possa arrancar d'ali.

Não podendo ficar eternamente a dar conselhos ao barão, resolvi deixal-o entregue ao seu bom ou máo destino. A minha consciencia estava tranquilla. Se n'aquelle homem não havia senão dinheiro prova-vel e más qualidades certas, de que serviam as minhas observações? O joven capitalista é o mesmo em todos os paizes.

O mancebo rico com paes e avós pecuniarios estabelece o dinheiro como principio, e tira delle todas as consequencias imaginaveis e possiveis. É rico, e logo é elegante, é formoso, é intelligente, é espirituoso, é conhecedor de bellas artes, é sabio, é tudo. Neste passeio pelos ricos vergeis das perfeições humanas, o riso do publico e alguma apupada mais desentoadada acompanham-ofrequentemente, porém o pavão não pára na sua carreira vaidosa até ir despenhar-se, insensato, no poço do desprezo humano, donde não resurge.

A este mal acode ás vezes a boa educação, mas ao barão faltára tão essencial requisito. Creáram-o para príncipe argentario, que são os mais orgulhosos e tyrannos entre todos os príncipes. E assim fi-

cou. A natureza não lhe dera com que triumphar dos inconvenientes das doutrinas paternas.

Perdi o meu tempo com elle, e saímos dali sem poder convencel-o a praticar uma boa acção que resgatasse as intrigas com que atormentára duas familias, a quem devia attenções e finezas innumeraveis.

Emquanto durou a nossa conversação, reunira-se na avenida da *Fuente Castellana* toda a sociedade madrileña. Nos passeios lateraes passava-se com difficuldade por entre um concurso numerosissimo de senhoras e homens. A maior parte das senhoras levavam mantilhas. Em muitos dos elegantes fulgiam as cruzes das ordens militares.

Descemos pelo lado esquerdo, e a poucos passos, encontrámos Pepita de Lovera e M.^{me} de Landstein, que acabavam de apeiar-se da carruagem. Acompanhava-as um official de marinha, ainda moço, em cujo peito brilhava a cruz vermelha de Calatrava, bordada em panno, e duas de S. Fernando. Este mancebo vinha do lado da allemã, e fallava-lhe com animação attenciosa.

Parámos todos ao encontrarmo-nos, e Pepita apresentou-me seu irmão D. Telmo, que chegára de Alicante pelo caminho de ferro, nesse mesmo dia. Era o official de marinha. Fallou-me com affecto, e correspondeu com seriedade aos cumprimentos do barão, que elle conhecia muito.

As senhoras continuáram o seu passeio, cercadas

já de diferentes pessoas que tinham vindo comprimental-as. D. Telmo como que nos obrigou a ficar parados para acabar de dizer-me como se fazia facilmente a viagem de Alicante a Madrid.

—Agora, accrescentou elle, sorrindo, quero dar-lhe outra informação ácerca da minha pessoa. A intimidade que tem com as familias, que nisso interessam, autorisa-me a começar assim as nossas relações. Saberá que vim a Madrid para casar com a sr.^a condessa de Landstein, que se dignou aceitar a minha mão, e...

—Os meus parabens, sr. D. Telmo! exclamou o barão com certo ar de D. Juan, em que transluziam calculos e projectos futuros de seducção amorosa.

—É verdade, sr. barão, se não falla, esquecia-me que tenho dous recados a dar-lhe, um da minha noiva, outro meu. Ambos pôde ouvir, disse D. Telmo voltando-se para mim, porque já é de casa. O da minha noiva é restituir-lhe esta carta fechada como foi entregue. O meu é prevenil-o de que, onde eu apparecer, não se retirando o barão dentro de um quarto de hora, lhe darei duas bofetadas. Se me mandar os seus padrinhos, bater-me-hei com elles, e dar-lhe-hei outras duas, e assim por diante até que se resigne. Isto é um aviso quasi amigavel, e sem colera. Na volta para baixo espero não o encontrar aqui.

Dizendo isto, metteu o braço esquerdo no meu, e

obligou-me a seguir com elle atraz das senhoras, sem me dar tempo a ver a cara do barão, onde moralmente já ficavam as bofetadas promettidas.

Quando regressámos do fim do passeio, não encontramos o senhorito de Nassot.

XXII

De como a Peralta foi ao theatro com os celebres diamantes, e assistiu de longe á completa reconciliação da condessinha de Relta com o sr. D. Julio de Lovera.

Madrid, 13 de abril.

Nesse dia dava-se no theatro real o *Ballo in maschera*, opera do maestro Verdi, que muita gente aprecia, e que eu ouço sem repugnancia nem enthusiasmo. O *Ballo in maschera* é uma composição mixta dos dois generos de Verdi. Ora faz lembrar o *Rigoletto*, ora a *Traviata*, mas está muito distante do *Ernani*, do *Trovatore*, do *Machbet* e de todas as outras operas que estabeleceram o credito do maestro, sem exceptuar *I Lombardi*, e mesmo o *Nabucodonosor*, por entre cujo ruido descomposto se nota musica de fino toque.

O theatro real já o leitor sabe que é um dos melhores da Europa, e sem duvida, aquelle em que o espectador assiste com maior commodidade ás func-

ções lyricas da opera italiana. Nisto não ha exaggeração. Tomára eu ter sempre que louvar tudo quanto fazem e dizem estes bons vizinhos hespanhoes! São nossos irmãos, e não ha que notar-lhes achaques sem termos de confessar que nos affligem egualmente.

A unica circumstancia, que desfeia o theatro, é a collocação da tribuna real na 2.^a ordem acima das frizas. Nunca me foi possivel advinhar a razão desta extravagancia, até que um hespanhol, dos que teem viajado e corrigido nas viagens o orgulho nacional, me disse que puzeram ali a tribuna para honrar a 2.^a ordem, porque de outra fórma ninguem quereia camarotes senão na 1.^a

Com effeito, ás frizas chamam-se *palcos de platéa*, á primeira ordem, que é muito elevada, *palcos baixos*, e á segunda, *palcos principales*! As pessoas, que não duvidam de si, vão para as frizas e 1.^a ordem; as outras na 2.^a julgam-se ao lado da rainha, e satisfazem-se com isso.

Nas casas acontece o mesmo. Depois do *cuarto bajo* e do *entresuelo* é que se entra no *piso principal*, que é, pelo menos, 2.^o andar! O que mora no 5.^o crê habitar no terceiro, o que é posição decente na sociedade! São curiosas estas armadilhas ao orgulho e vaidade do publico.

O camarote de Relta é dos que chamam *bajos*. Não se differença em cousa alguma dos outros, e tem como elles um salão, a que serve de separa-

ção uma cortina de veludo da côr do forro do papel, que é encarnado-escuro. Á frente estava a condessa no logar principal, tendo do lado opposto Margarida. D. Julio, que n'esse dia jantára com ellas e as acompanhára ao theatro, tomára assento junto da condessa, ou para contemplar a noiva ou por attenção para com a mãe.

A familia de Lovera pôde n'essa noite alcançar o camarote immediato ao de Relta. Estavam n'elle Pepita, a allemã, D. Telmo, e o conde de S. Marino, mancebo de vinte e tantos annos, e primo dos de Lovera.

As duas familias chegaram tarde, e com pequeno intervallo. Quando tomaram logar, os oculos convergiram todos para ali. Murmurára-se em Madrid que o casamento estava desfeito, sem que se soubesse a causa. Notára-se tambem que havia muitos dias não apparecia a familia de Relta em nenhum espectaculo, e que até na *Fuente Castellana* se mostrava com menor frequencia.

D'aqui se tinham originado mil rumores, que são as delicias da sociedade rica e ociosa de todas as capitaes, e que em Madrid são o *pão nosso de cada dia* dos elegantes masculinos, femininos e neutros, se neutros ha, segundo me-teem affirmado pessoas competentes. A curiosidade publica era, pois, natural.

Eu tinha deixado o meu logar de plátêa para ir visitar um banqueiro, que conhecera em Paris, ha-

mem de origem popular, e vaidoso d'esta procedencia; porque, emfim, necessario é ter vaidade de alguma cousa. Não digo que fui ali purificar-me do nevoeiro de grandesa em que anda envolvida a população de Madrid, mas confesso (aqui muito em segredo) que pela raridade me foi agradável achar-me junto de uma senhora idosa, e de duas meninas, que não eram damas de Maria Luiza, e conversando com um honrado homem, que apesar de não ser grande de Hespanha de primeira, nem de segunda, nem de terceira classe, nem ter titulo, grã-cruz ou habito das ordens militares, gosa da melhor reputação e de grande estima em toda a Hespanha.

Do camarote do banqueiro vi chegar as duas familias de Relta e de Lovera. A mulher do banqueiro perguntou-me, quando se fazia o casamento. Respondi que ouvira dizer seria em breve. As meninas, essas examinaram e analysaram miudamente os vestidos e enfeites da senhorita de Relta, e decidiram que era a mais linda e elegante pessoa de Madrid.

—É pena, disse a mãe, que se case com o filho do barão, pessoa que me não agrada, e de que não gostam nada em Madrid.

—Então era d'esse casamento que me fallava, minha senhora?

—Certamente. É voz geral que se desfez o ajuste com o de Lovera, e que a mãe, por despeito, a dá ao barãosito. Pois é lastima!

—Creio que o boato é falso, e que foi o barão quem o fez espalhar para vêr se vinha a realisar-se.

—Não duvido. Capaz d'isso é elle, segundo dizem. A culpa teem os paes que recebem em casa d'aquelles sujeitinhos.

N'isto levantou-se o panno, e eu voltei ao meu logar de platéa, donde podia examinar, á minha vontade, os dramas dos camarotes, quasi sempre mais interessantes para os iniciados n'esses segredos do que os outros dramas que o cartaz annuncia, e de que a musica realça os primores.

O theatro estava cheio. Apenas havia vazia uma friza quasi defronte dos camarotes de Relta e de Lovera, a qual estive sem gente até quasi ao fim do segundo acto. N'esta friza punha eu as minhas melhores esperanças, porque não via em nenhum camarote a Peralta, que, todavia, me promettera vir n'essa noite ao theatro. A minha anciedade era grande; nos dois camarotes podia notar-se egual em D. Julio e na familia de Lovera. As de Relta não sabiam cousa alguma, com quanto parecessem ambas mui pensativas e tristes.

D. Julio, apesar da minha recommendação, tinha narrado tudo á irmã, ao irmão, e a instancia d'elles, á condessa de Landstein. Eu recommendára segredo, com receio de que o negocio se azedasse entre os Loveras e o barão, e que resultassem consequencias que fossem capazes de causar sensações

demasiadamente fortes ás senhoras. Boa reprehensão me custou este meu cuidado pelos nervos de ss. ex.^{as}! Disseram-me que uma hespanhola, e uma allemã que se sente com forças de ser hespanhola, sabem ser homens quando as circumstancias o exigem!

A condessa de Relta ignorava tudo, porém na vespera recebera uma carta do marquez de Campo Hermoso, seu parente, e amigo da familia, pedindo a mão de Margarida para o seu filho segundo, a quem já déra o titulo de duque de Pembrana. A condessa mostrou a carta á filha; e esta respondeu que não queria casar.

—Eu não posso dar tal resposta ao marquez, replica a mãe. A mão do duque só pôde recusar-se; estando outra acceita.

—Valha-me Deus, minha mãe! Pois quer obrigar-me a casar? tornou a senhorita, tomando affectuosamente com as suas duas mãos a da condessa.

—Deus me livre de te obrigar a casar com quem te não agrade. Tu podes escolher; escolhe pois, mas bem vês que não podes ficar solteira.

—E porque não? volveu, sorrindo, a senhorita.

—Porque não pôde ser. Queres que digam que te eduquei de maneira que acabou em ti a casa de Relta e de Lialva? Teu pae podia consentir n'isso. Eu não.

—Pois bem; minha boa mãe. Ninguém ha de

atrever-se a murmurar da educação que me deu. Eu peço-lhe tres dias para responder. Não é muito.

—Não é muito, não. Mas olha que no fim dos tres dias, has-de dar uma resposta séria.

—Prometto que sim, respondeu Margarida com os olhos arrasados de lagrimas que a mãe não chegou a vêr.

Esta conversação fôra ao almoço, e desde então tinham as duas senhoras passado o dia, e estavam passando a noite, a meditar n'este importante negocio.

Antes do fim do primeiro acto, como ia dizendo, abriu-se a friza, que estivera vasia até então, e appareceu uma velha que tomou o logar superior. Depois uma mulher nova, riquissimamente vestida e muito elegante, sentou-se no logar inferior. Dois vizinhos meus disseram um ao outro:

—Olha, é a Peralta com a azemola da tia. Que boas almas!

—E vem com brilhantes! dizia o outro. É que foi dia de gala lá em casa! Talvez que seja hoje o santo do duque! A estas meninas não lhes falta nada! Parecem duquezas.

—Não são duquezas de direito, mas é como se o fossem.

Voltei a cabeça, e vi a Peralta em todo o esplendor de um riquissimo *toilette*, e com os famigerados brilhantes do ourives Daumont. Viera tarde, provavelmente para excitar mais a attenção, e para que lhe notassem os brilhantes.

— Estas mulheres, dizia um dos meus visinhos, são assim. Gostam de arruido, e de que todos as admirem. Não podem vir ao theatro ás horas da outra gente! Chegam ás dez e meia para perturbarem o espectáculo. Se eu fosse policia, mandava-as fiar estopa.

— Coitadas! interrompeu o outro.

— Coitadas? São umas viboras. Esta dá cabo do duque. Dizem que é má como as cobras, e que não tem alma nem coração. O seu Deus é o dinheiro.

— Então que queres? São filhas de marmore.

— E esta é a peor de Madrid. Nunca fez acção boa na sua vida.

Ahi me deu a mim vontade de os contradizer, dizendo-lhes que a entrada tardia e tudo quanto censuravam os dois, eram as melhores acções que talvez em toda a sua vida a Peralta tivesse feito. Não o fiz, porque tenho quarenta e quatro annos. Nesta idade já se sabe, por experiencia, que o mundo avalia tudo ás cegas e tontamente, que sempre assim foi, e ha-de ser que é o peor.

Quanta gente virtuosa conheço eu de quem o mundo diz cousas atrocissimas, e quanta outra cujos vicios o publico tolera, e quasi lhes dá honras de virtudes! Vale mais cair em graça do que ser engraçado, diz o proverbio. E que bem que diz!

O primeiro que avistou a Peralta, foi D. Julio. Tomou o oculo, e fixou por muito tempo a formosa

Ninon madrilena. Cuidava provocar assim a curiosidade das senhoras, porém o final do segundo acto do *Ballo in maschera* absorvia inteiramente a attenção da condessa e de Margarida. A situação critica de Renato, de Ricardo e de Amelia, todos victimas de apparencias enganosas, e o riso provocador dos conjurados, fizeram esquecer momentaneamente as penas que affligiam o coração da senhorita e de sua extremosa mãe.

Ao cair do panno, D. Julio disse muito naturalmente :

— É o mesmo assumpto do «Regente.» É a historia da humanidade. Apparencias, suspeitas, crença demasiada, e desgraças terriveis !

— É verdade, D. Julio, accudia a condessa. Crer sem provas é grande imprudencia. Ahi vai Renato matar o seu melhor amigo por uma suspeita...

— E quando ha provas ? interrompeu Margarida em tom que parecia encobrir uma allusão.

— Com provas é outra cousa, respondeu D. Julio tomando o oculo, e fixando-o na friza fronteira, mas tambem ha provas falsas. Já viu, senhora condessa, como a Peralta está hoje elegante ?

A condessa pegou no oculo, e dirigiu-o para o camarote da celebre andaluza. A senhorita córou e olhou para D. Julio, espantada do atrevimento com que elle ousava recordar um nome que trazia á lembrança a pouca delicadeza com que obrára ácerca das joias.

Pepita voltou-se no camarote, e perguntou a D. Julio se já vira a Peralta. Margarida levou o lenço aos olhos, onde lhe balouçavam lagrimas, não de amor, nem de colera, mas de humilhação, que são os mais amargos entre os multiplicados prantos da vida humana. Esta insistencia dos Loveras parecia-lhe grosseira. A pergunta de Pepita era uma especie de affronta. Apoz o amor perdido, a amizade seguia o mesmo caminho!

— É singular! disse a condessa muito naturalmente, sem baixar o oculo. A Peralta tem um collar exactamente como o teu collar de noiva. Repára Margarida.

— Parece irmão, disse D. Julio. Aquelle é obra de Daumont. O da senhorita foi feito pelo Granadino. Agora já o posso revelar. E tão bem acabado está, que o Daumont, quando o viu, cuidou que era o da Peralta. Foi um triumpho para o Granadino. Elle diz que é uma honra para os artistas hespanhoes, e tem razão.

— De certo, volveu a condessa. Eu nunca pensei que um ourives hespanhol fosse capaz de fazer obra tão delicada. Mas como o pôde elle fazer? Parece-me que Daumont era quem tinha os modelos. Ao menos, tenho idéa de que se disse isso, quando a Peralta appareceu com o celebre collar, que eu não conhecia. Fallou-se nisto durante dois annos; e dizia-se que Daumont se obrigara a não fazer outro igual.

— Exactamente, porém os modelos eram propriedade de Rothschild, que os comprou a Duponchel para que não se fizesse outro collar em França, e o Granadino obteve-os do proprio barão James, por intervenção de um capitalista de Madrid.

— O que pôde a rivalidade! Mas como é que o Daumont viu o collar do Granadino? Este, de certo, lh'o não mandava a casa. Dizem que é soberbo e orgulhoso como poucos.

— Isso é um segredo que eu não posso contar; retrucou D. Julio. O facto é que o viu, cuidando que era o da Peralta, examinou-o, e affirmou que o tinha feito.

Margarida não tirava o oculo da Peralta, que, além do collar e do diadema, deixava ver os brincos, graças ao penteado intencionalmente disposto, o bracelete e o *broche*. Ao ouvir as ultimas palavras de D. Julio, sentiu outra vez affoguearem-se-lhe as faces de jubilo e de vergonha. Alegrava-a a justificação completa do noivo, e pezava-lhe de ter sido injusta com elle. A idéa de o ter offendido tanto trazia-lhe de novo ao pensamento que o consorcio era impossivel.

D. Julio, cuja habilidade diplomatica se manifestava cada vez mais, conheceu a perplexidade em que estava a alma boa e nobre de Margarida, e, como visse que ella não cessava de olhar pelo oculo para a Peralta, entendeu que a curiosidade estava satisfeita, e que a senhorita se deixára ficar naquella po-

sição para encobrir a sensação que experimentava. Afinal, disse-lhe :

— São mui semelhantes os dois collares. Não é verdade ?

Margarida abaixou os oculos, pouzou-os em uma cadeira, olhou para D. Julio, e leu-lhe na physionomia tanta modestia e timidez naquella hora de triumpho e de justificação plena, que não pôde resistir a esta nobre delicadeza do homem que, na realidade, ella preferia a todos. D. Julio parecia pezaroso de uma victoria que poderia humilhar Margarida ; este pezar era amor, nobreza de alma e generosidade, virtudes que o coração da mulher reconhece logo com o seu instincto sobrenatural, e de que se deixa sempre captivar.

Olhando para D. Julio, Margarida sorriu com rubor que lhe animava o rosto extraordinariamente, e estendeu-lhe a mão direita, que o senhorito de Lovera apertou na sua com affectuoso carinho. A condessa não comprehendia esta scena muda, e ia fazer uma pergunta, quando se levantou o panno.

Ao ultimo acto não assistiu nenhuma das pessoas que estavam nos dois camarotes, comquanto se não retirassem dos seus logares. Margarida e Julio, reconciliados em um aperto de mão, vingavam-se da affectada frieza dos dias antecedentes, e contavam um ao outro, em olhares eloquentes, as mágoas passadas e a felicidade daquella hora. A condessa observava com jubilo a mudança, e não ousava fazer a

menor pergunta, com receio de perturbar uma ventura que ella tanto lamentára se tivesse interrompido.

Pepita e a condessa de Landstein não tiravam os olhos do camarote de Relta, e mostravam ter ouvido e observado tudo. D. Telmo estava de pé, olhando para a noiva do irmão, e cessára de conversar com a sua. O conde de S. Marino queixava-se da distracção de Pepita, que lhe respondia com monosyllabos, nem sempre aprópriados ao que elle lhe dizia.

No fim da representação, as duas familias reuniram-se no camarote de Relta. Eu chegava nessa occasião, porque entendera dever deixar sós os interessados, e não os importunar com a presença de um estranho, embora sabedor dos negocios das duas familias.

Margarida, quando viu entrar Pepita, lançou-se-lhe nos braços, e, dando outra vez a mão a D. Julio, disse para a condessa:

— Minha mãe, os tres dias estão passados. Póde mandar dizer ao marquez de Campo Hermoso que eu estou justa a casar com D. Julio. O dia do meu casamento será o segundo dia feliz da minha vida. O primeiro é hoje.

— Julio ha-de fazer com que todos o sejam egualmente, respondeu a condessa com voz commovida, e abraçando a filha.

D. Julio levou aos beijos a mão de Margarida e beijou-a em silencio. Nós todos manifestámos aos

noivos a alegria sincera que nos dominava. O conde de S. Marino, sem conhecer o segredo desta reconciliação, folgava com o jubilo de duas familias que amava do coração.

Acompanhámos as senhoras ás carruagens, e, despedidas que foram, D. Telmo affastou-se para fallar com dois homens, que nessa occasião lhe pediram que os ouvisse. Nós ficámos esperando a pequena distancia.

XXIII

De como os padrinhos do barão de Nassot, indo para tratar de um duello, se encontraram com motivo para dois, e da conversação que teve com o barão um procurador de Burgos antes de lhe arrancar as joias da Peralta.

Madrid, 15 de abril de 1861.

D. Telmo fallou pouco tempo com os dois desconhecidos, e voltou logo aonde eu e o conde de S. Marino o estavamos esperando. D. Julio fôra acompanhar a casa as senhoras de Relta, e ficára de reunir-se connosco no *Casino del Principe*, que é o *Club*, ou, para melhor dizer, o *Gremio* de Madrid. Para ali nos dirigimos todos tres em companhia de quatro ou cinco cavalheiros hespanhoes, que, como é de uso, iam tambem passar da meia noite á uma hora nas magnificas salas daquella numerosa assembléa.

O *Casino* de Madrid é um estabelecimento como os de igual natureza em Pariz, Londres e Lisboa. Tem um gabinete de leitura, em que ha todos os periodicos nacionaes, outro para os jornaes estran-

geiros, no qual se não encontram os portuguezes, e um terceiro para as revistas e publicações litterarias, onde a colleccão é abundante e bem escolhida. Para o lado opposto estão as salas de conversação, de jogo, de bilhar e de comida. Os socios do *Casino*, e os apresentados podem jantar ali, e á noite acham não só os refrescos ordinarios e proprios da hora, mas tambem ceia, se a desejarem.

Tudo isto é, com pequena differença, como nas outras capitães da Europa. Ha, porém, uma especialidade que só se observa no *Casino* de Madrid. Logo que dá meia noite, a ultima salla é occupada pelos apaixonados dos jogos de azar, e ali se estabelece uma banca de *trinta e quarenta*, cujos combatentes ficam até ao amanhecer. A affluencia de jogadores, o silencio e compostura que observam, e a qualidade elevada das pessoas que tomam parte neste divertimento, indicam evidentemente quão difficil seria acabar com este sorvedouro de fortunas, de honra, de reputação e de saude, sem fechar inteiramente o estabelecimento.

Não falta quem reprove os jogos de azar no *Casino*, como ha quem vote contra os touros e contra os fuzilamentos, porém devo crêr que esta opinião é da minoria, porque, jogo, touros e fuzilamentos vão continuando nas occasiões respectivas, sem que as reclamações dos adversarios destas tres especialidades da civilisação hespanhola perturbem a ordem publica.

Sempre me pareceu que a mesa do jogo de azar era uma especie de theatro anatomico, onde o aprendiz de philosophia podia observar com verdade o ser moral do homem, como nas aulas de anatomia se examina e estuda o ser physico em todas as suas partes.

A idade e a experiencia confirmaram em mim esta idéa. Hoje acho que o jogo revela melhor a alma do que o escalpello faz conhecer o corpo. Em quanto o anatomico apenas suspeita as acções organicas, e presume todas as funcções da vida animal, o espectador do jogo assiste aos phenomenos physiologicos da vida moral e descobre, um a um, todos os segredos da sciencia. A physionomia e a attitude do jogador são o mais eloquente discurso (*logos*) com que a natureza (*physis*) nos inicia no conhecimento moral do homem.

Quantas vezes em Madrid passei quartos e quartos de hora na silenciosa contemplação daquella variada multidão de jogadores! A cobiça do ouro apparecia-me na face de um. A necessidade delle revelava-se nas disposições do outro. Ali, algum esquecia o lenço e a charuteira, quando mudava do logar em que fôra infeliz, com a mesma negligencia com que talvez desamparava a familia e outros deveres para correr apoz as casualidades da fortuna. Acolá, o que perdera a ultima peça de cinco francos, seguia-a com os olhos na silenciosa desesperação de quem visse ir arrastado pela corrente o mais querido objecto das suas afeições.